

# CONTOS, PROVÉRBIOS E RECEITAS TRADICIONAIS

CARLOS AUGUSTO RIBEIRO • ANA PAULA GUIMARÃES

Em carta expedida de Veneza, Marta, uma personagem de *Lusitânia* de Almeida Faria, contrasta o consumismo crescente do nosso país desde a revolução de 1974 com a fome secular<sup>1</sup> — e, acrescentaríamos, a pobreza endémica. O passado foi um mundo de fome: para os pobres, as suas agrestes vidas, carecidas de sonho, resumiam-se a um «quinhão amargo: o cansaço, a humilhação e a fome».<sup>2</sup> Unicamente privações e canseiras sobejam nessas vidas, legadas de pais para filhos. Assim, o ciclo de luta pela sobrevivência é retomado com sacrifício da infância: coagidas a ser adultos à pressa, ou a parecerem-no, tal como denuncia Soeiro Pereira Gomes em *Esteiros*, as crianças engrossam o número de «filhos dos homens que nunca foram meninos».<sup>3</sup> Um amargo quinhão que leva Raul Brandão a interrogar-se sobre a misteriosa razão de Deus para ter criado a vida da ralé.<sup>4</sup>

A fome e a pobreza são realidades inscritas na memória colectiva, conservadas e reavivadas em contos, em expressões orais, em provérbios e em receitas de medicina. A penúria endémica e a fome andam ligadas. Em *Contos Populares Portugueses*, há esfomeados e pobres.<sup>5</sup> Ter pão na mesa é uma questão crucial. Talvez por isso, enquanto forma de

1 Almeida Faria, *Lusitânia* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2014), 256.

2 Raul Brandão, «Enxurro» in *Os Pobres* (Lisboa: Empreza da História de Portugal / Sociedade Editora, 1906). <https://www.gutenberg.org/ebooks/20841>, acedido em Outubro 8, 2021.

3 Soeiro Pereira Gomes, *Esteiros* (Lisboa: Agrupamento de Escolas Leal da Câmara, 2020 [1941]), 182. <https://biblotecasaeag2020.blogs.sapo.pt/esteiros-de-soeiro-pereira-gomes-pdf-29315>, acedido em Outubro 8, 2021.

4 Brandão, «Enxurro».

5 Adolfo Coelho, *Contos Populares Portugueses* (Lisboa: Dom Quixote, 1985), 79-290. Os contos citados de seguida fazem parte da mesma colectânea.

compensação imaginária contra uma realidade duríssima — marcada por ciclos de fartura ou de escassez, sendo que as privações derivadas de penúria e carestia se somam a uma alimentação em geral deficiente<sup>6</sup> —, a comida surge como a maior recompensa, lado a lado muitas vezes com a riqueza. Na referida colectânea, as funções do dinheiro (ou de suas formas) são diversas: prémio, recompensa, remuneração, dádiva, empréstimo, achado, espólio obtido por saque, extorsão e usurpação.<sup>7</sup> O dinheiro (fonte de grandes fortunas) sobressai enquanto instrumento de superação de uma frequente condição de pobreza e fome — tal como sucede em «Os Meninos Perdidos»<sup>8</sup> — e ainda enquanto possibilidade de libertação social (individual e colectiva), quando o herói de «A Moura Encantada», na posse de um provento inesgotável, depois de sofrer castigos e sacrifícios para desencantar a futura noiva, decide, antes de a desposar, comprar terras por onde passa para doá-las aos pobres.<sup>9</sup> Desigualmente distribuído por (alegada) vontade de Deus, o dinheiro, enquanto abunda no rico e no poderoso, é escasso nos pobres e nos esfomeados. Em «Comadre Morte», um médico escolhe a Morte para comadre, depois de ter recusado um pobre (que se identificava como Deus) para padrinho do seu filho. Inicialmente, por meio desse pacto estabelecido com a Morte (sempre presente na casa de todos e quaisquer doentes), o médico beneficia de fama e riqueza;<sup>10</sup> mais tarde, por força da ganância e (suposta) esperteza humana, pagará com a própria vida a traição operada contra a comadre. Não obstante, o dinheiro destaca-se como um meio e não um fim, em prol do bem e da justiça. Quem possui dinheiro e não o distribui, ou recusa partilhá-lo com os pobres, está condenado ao desastre e ao infortúnio. Igualmente, quando não

6 Fernand Braudel, *As Estruturas do Quotidiano* (Lisboa: Teorema, 1992), 55; Jack Goody, *Cozinha, Culinária e Classes — Um Estudo de Sociologia Comparativa* (Oeiras: Celta Editora, 1998), 143.

7 Carlos Augusto Ribeiro, «Vender, Trocar, Doar, Roubar e Especular em Contos Portugueses de Adolfo Coelho», in *Cultura & Negócios: Fluxos Criativos entre Culturas, Investigação & Empresas*, ed. Clara Sarmiento e Sandra Ribeiro (Porto: Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP-PPORTO) / Centro de Estudos Interculturais (CEI), 2018), 29-36.

8 Coelho, *Contos Populares Portugueses*, 164-166.

9 *Idem, ibidem*, 285-286.

10 *Idem, ibidem*, 152-153.

há qualquer perda, e unicamente ganhos, atenta-se (como o fidalgo de «Ovo Partido») contra os processos naturais e os ciclos económicos da vida.<sup>11</sup> A fossilização de uma posição de poder em defesa de interesses próprios não pode bloquear para sempre a roda do destino. Por comparação com o amor, o dinheiro é secundário, como fica demonstrado em «Os Dois Irmãos».<sup>12</sup> Quem, por ganância e auto-engano, se esquece de que, se não fosse a cumplicidade do diabo, teria permanecido na pobreza, será castigado pela (sempre mais esperta) Morte. Uma condição agravante da desigualdade é a de o trabalho não ser forçosamente garantia de comida na mesa. Constata-se, na mencionada colectânea de contos, que quem trabalha é assolado pela fome: o sapateiro («O Coelho e o Gato»);<sup>13</sup> os soldados de um regimento francês («Os Dois Irmãos»); os meninos, esfomeados, trabalhando como lenhadores para ajudar na sobrevivência da família («Os Meninos Perdidos»); o azeiteiro pobre, ingénuo, enganado por estudantes sem dinheiro e pouco escrupulosos («O Burro do Azeiteiro»);<sup>14</sup> Apesar da avidez e do oportunismo de estalajadeiros («O Preço dos Ovos»),<sup>15</sup> alguns, saídos de uma situação de pobreza, não enriquecem e vivem com o remorso de terem abandonado o filho («O Menino e a Lua»);<sup>16</sup> Os esfomeados sonham com comida abundante, bodas e lautos repastos. O muito pobre rouba para comer, para si e para a mãe, como a rapariga que, por acaso, descobre e se regala com a mesa posta na casa do príncipe («O Príncipe das Palmas Verdes»);<sup>17</sup> ou luta por um jantar de borla, como faz o soldado desafiado por estudantes espertalhões («Os Três Estudantes e o Soldado»);<sup>18</sup> Todavia, comer demais, consumindo as reservas, não é uma atitude avisada, porque leva a contrair empréstimos e dívidas («O Cuco e a Poupa»);<sup>19</sup> Talvez pelo facto de o trabalho não assegurar riqueza, algumas

11 *Idem, ibidem*, 287-288.

12 *Idem, ibidem*, 132-135.

13 *Idem, ibidem*, 111-112.

14 *Idem, ibidem*, 271-272.

15 *Idem, ibidem*, 221-222.

16 *Idem, ibidem*, 252-253.

17 *Idem, ibidem*, 210-213.

18 *Idem, ibidem*, 263-264.

19 *Idem, ibidem*, 109-110.

histórias manifestam tolerância para com o pobre que recorre ao embuste e à simulação para enriquecer, enganando quem tem a mais e se furta a partilhar: o avaro compadre rico («História do Compadre Pobre e do Compadre Rico»);<sup>20</sup> o povo crédulo, disposto, por curiosidade, a pagar qualquer preço por novas mentiras («Os Dois Mentirosos»)<sup>21</sup> ou o fidalgo que aceita uma mentira (contada por um tolo bastante astucioso e imaginativamente hábil) como pagamento integral de uma dívida do seu caseiro («Patranha»);<sup>22</sup> Uma das formas de enriquecimento — além do roubo — é o abandono da aldeia («A Herança Paterna»);<sup>23</sup> juntar fortuna em terras alheias, confiando nas próprias capacidades (a esperteza) e aceitando as provações (a fome e a sede) para responder a um anúncio real a todo o reino («As Três Lebres»);<sup>24</sup> Assim, adultos ou crianças correm o risco de se perderem em territórios desconhecidos, estranhos e ameaçadores.

A fortuna (a par da felicidade) é um prémio obtido por via de uma árdua ascensão social: por casamento entre mulher pobre e príncipe («O Príncipe das Palmas Verdes») ou entre uma princesa e um aldeão que se distingue de muitos candidatos anteriores — príncipes e fidalgos — pela esperteza e inventividade na criação de adivinhas difíceis; por reconhecimento de um rei pelos serviços prestados pelo seu criado, estrangeiro, homem casado muito pobre e com muitos filhos, expresso em três prendas com as quais ele e a família encontram, doravante, a satisfação das suas necessidades alimentares e económicas (partilhando os sobejos com os pobres), bem como condições para a educação da prole («A Cacheirinha»);<sup>25</sup> por recompensa infinita, concedida pelo rei (dinheiro para ficar rico toda a vida) e, invisivelmente, por Deus, àquele almocreve de «Mais Vale Quem Deus Ajuda Que Quem Muito Madruga»,<sup>26</sup> que, contra a incredulidade e opinião da maioria dos homens, se manteve firmemente confiante (mesmo quando espoliado

20 *Idem, ibidem*, 261-262.

21 *Idem, ibidem*, 277-278.

22 *Idem, ibidem*, 247-248.

23 *Idem, ibidem*, 128-131.

24 *Idem, ibidem*, 193-195.

25 *Idem, ibidem*, 154-155.

26 *Idem, ibidem*, 140-142.

dos seus bens) no valor inestimável do auxílio de Deus, para o colocar em posição de beneficiar de acasos e oportunidades da vida (inclusive daquelas em posse dos diabos, e sem ser descoberto por eles). A mobilidade social é difícil e rara, dependente do reconhecimento do rei e/ou do auxílio de entidades com poderes transcendentais, implicando a magia ou o milagre. Nem sempre o rei cumpre com a sua palavra, senão depois de falhar os esforços para se furtar à promessa feita («Os Figos Verdes»)<sup>27</sup> ou quando a isso é obrigado («Pinto Borrachudo»)<sup>28</sup>. A possibilidade de enriquecimento reside em situações em que se aprende a tolerar a insuficiência, a ignorância e a imbecilidade humanas, como prova o herói de «A Machadinha» que, aprendendo a tolerar «gente doida», providencia, em diferentes sítios, soluções para algumas tolas obsessões e elimina ridículas causas de medo e terror.<sup>29</sup>

A dimensão degradante da pobreza e da fome mostra-se ainda mais incisiva no destino de alguém que, por nascimento, é privilegiado: na dura (mas temporária) prova a que a princesa é sujeita (por vingança e amor do noivo) quando recusa casar-se com o conde por uma razão fútil. Com fome e sede, ela terá de pedir para comer, beber água do lameiro, comer a comida do chão do palheiro; quando ninguém lhe dá alimento, tem de roubar e passar pela vergonha de ser ladra («O Conde de Paris»)<sup>30</sup>.

Dois contos tradicionais, «História da Carochinha»<sup>31</sup> e «A Formiga e a Neve»,<sup>32</sup> atestam a efectiva interdependência de todos os seres, humanos e não-humanos<sup>33</sup>, sob uma integração e interpenetração de

27 *Idem, ibidem*, 214-217.

28 *Idem, ibidem*, 107-108.

29 *Idem, ibidem*, 200-202.

30 *Idem, ibidem*, 207-209.

31 *Idem, ibidem*, 79-84.

32 *Idem, ibidem*, 85-86.

33 Ana Paula Guimarães e Carlos Augusto Ribeiro, «Frost-bitten Foot: dialogues we live by», in *The Visvabharati Quarterly*, vol. 9, n.º 2, (2000); Ana Paula Guimarães, «A História das Histórias: A Carochinha», in *Falas da Terra — Natureza e Ambiente na Tradição Popular Portuguesa*, ed. Guimarães, et al. (Lisboa: Colibri, 2004), 395-417; Carlos Augusto Ribeiro e Ana Paula Guimarães, «Enchanted Webs of Ants and Beetles in Oral Stories», in *Insects and Texts: Spinning Webs of Wonder*, ed. Laurence Talairach-Vielmas e Marie Bouchet (Toulouse: Muséum d'Histoire Naturelle de Toulouse, 2010), 62-71.

todos os níveis: político, individual, colectivo, da natureza e da sociedade.<sup>34</sup> A referida interdependência aponta para a existência de uma economia (enquanto ciência do governo doméstico, administração ou uso das coisas da casa, dos bens da casa) indissociável de uma ecologia implícita entre indivíduo (humano e não-humano; grupo ou comunidade) e terra (solo, lugar), que se traduz em formas de troca baseadas na reciprocidade das ofertas e na solidariedade entre humanos e não-humanos.<sup>35</sup> No mencionado conto «Herança Paterna», há um caso de ajuda de animais, e entre animais, para socorrer um homem em apuros, devido à rivalidade e cobiça do seu irmão. Um ciclo de vida é celebrado pelas culturas tradicionais: comemos o que a Terra nos dá e somos comidos, ao sermos devolvidos à terra como alimento. O que somos e temos provém do campo, e a ele os nossos corpos retornam, como frutos amadurecidos e estrume. No campo, até os segredos enterrados frutificam («O Príncipe com Orelhas de Burro»).<sup>36</sup>

Formas condensadas de saberes seculares, contextual e situacionalmente versáteis, os provérbios distinguem entre fome e fartura — «A fome que espera por fartura, não é fome»;<sup>37</sup> sublinham a urgência e vulnerabilidade do faminto e do pobre — «A fome não espera pela fartura»,<sup>38</sup> «Fome e frio entregam o homem ao seu inimigo»,<sup>39</sup> «Pobre muda de patrão, mas não de condição», «Pobre não tem amigo nem parente»;<sup>40</sup> apontam para ciclos de fartura e fome — «Não há fome que não traga fartura»;<sup>41</sup> associam fartura e fome/pobreza a características morais — «A fartura faz bravura», «A fome é inimiga da virtude»,<sup>42</sup> «Pobreza é inimiga da virtude»;<sup>43</sup> assinalam as condições

34 Ribeiro, «Vender, Trocar, Doar, Roubar e Especular em Contos Portugueses de Adolfo Coelho», 30.

35 *Idem, ibidem*, 30-31.

36 Ribeiro, «Vender, Trocar, Doar, Roubar e Especular em Contos Portugueses de Adolfo Coelho», 229-230.

37 Salvador Parente, *O Livro dos Provérbios* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2005), 279.

38 António Moreira, *Provérbios Portugueses* (Lisboa: Editorial Notícias, 2003), 17.

39 Parente, *O Livro dos Provérbios*, 279.

40 *Idem, ibidem*, 534.

41 Moreira, *Provérbios Portugueses*, 171.

42 *Idem, ibidem*, 17.

43 Parente, *O Livro dos Provérbios*, 534.

de fartura e de pão — «Quem tem consciência pura, não morrerá de fartura». <sup>44</sup> São vários os provérbios e sentenças medicinais para manter um corpo saudável: «Pão quente, muito na mão e pouco no ventre»; «Se queres cedo engordar, come com fome e bebe devagar»; «Nem sempre galinha, nem sempre sardinha»; «Vinho turvo, figos verdes e pão quente são três inimigos da gente». Pior, só a fome: «Haja fartura, que a fome ninguém a atura». <sup>45</sup>

A importância de ter pão em casa é testemunhada por certas superstições, crenças e práticas religiosas. Assim, se o ano começa com fome, em fome se vai viver; não é bom vender fiado, mas dá sorte oferecer presentes — dinheiro, pão e fruta; grupos de rapazes e raparigas cantam pelas ruas, batendo às portas para pedir presentes às pessoas — nozes, figos, castanhas, maçãs, mel, enchidos, pés e orelhas de porco. <sup>46</sup> A presença de certos alimentos em certas ocasiões é um talismã contra a fome e a pobreza. Também se pede a proteção de S. Sebastião, defensor em cruéis flagelos, como peste, fome e guerra. <sup>47</sup>

Para curar a chamada fome canina, deve comer-se a sopa das sete Marias, que vem a ser: sopas de leite, migadas por sete pessoas que tenham o nome de Maria. <sup>48</sup> O mal que atinge as mulheres que amamentam (a ‘dada’), encaroçando o peito da mãe e causando o choro da criança esfomeada, é atribuído a mau-olhado, ou indicativo de condições insalubres, «um ar que passou sobre um monte de lixo»; nestes casos, exige-se talhador ou benzedor. Chama-se o soldador na doença de um animal, para o curar com mezinhas e benzeduras. Na década de setenta do século XX, o proprietário apela ao benzedor quando lhe morrem os porcos. Os modos tradicionais de cura têm eficácia nula, porque a causa é a fome. <sup>49</sup>

44 *Idem, ibidem*, 635.

45 Ana Gomes de Almeida, Ana Paula Guimarães e Miguel Magalhães (Eds.), *Artes de Cura e Espanta-Males — Espólio de Medicina Popular recolhido por Michel Giacometti* (Lisboa: Gradiva, 2009), 634-637. Cada receita será referida dentro de parênteses rectos, antes da referência de página.

46 Ana Paula Guimarães, *Escrever os Meses — A seguir os Dias (Mês de Janeiro)* (Lisboa: Apenas Livros, 2018), 3.

47 Guimarães, *Escrever os Meses — A seguir os Dias (Mês de Janeiro)*, 40.

48 Almeida, Guimarães e Magalhães, *Artes de Cura e Espanta-Males*, [1], 664-665.

49 Almeida, Guimarães e Magalhães, *Artes de Cura e Espanta-Males*, [58], 564.

Na Europa de Oitocentos, crianças pobres vivem em casas miseráveis, onde reinam por norma a fome e a doença. Devido à insuficiência de vitamina D, agravada por diversas carências nutricionais, as crianças raquíticas (sofrendo de ‘aranganho’, na terminologia popular) eram um fenómeno frequente em grandes cidades industriais do século XIX. Nos anos de 1970, quando a equipa de Giacometti percorre o nosso país, a mortalidade infantil ainda é elevada, manifestando-se carências de vitamina D, de proteína ou de calorias nas crianças. Também Isabel do Carmo se recorda de ter visto crianças raquíticas em zonas operárias mais pobres do Barreiro e, na década de oitenta do século XX, na prisão de Custóias.<sup>50</sup>

Uma medicina rústica e empírica vem em socorro de sociedades rurais, dependentes da produção agrícola e animal. O corpo é uma parte integrante do cosmos, permeável às suas forças e energias, visíveis e invisíveis, bem como a inúmeros perigos e ameaças, a carecerem de medidas preventivas e restauradoras: modos de influência sobre as forças cósmicas mais ou menos impessoais, por meio de encenações simbólicas. O mal manifesto vem habitar o corpo, os ossos e a carne humana (e não-humana). O mal que atinge pessoas e animais é desfeito, expulso e esconjurado com o auxílio de entidades sobrenaturais invocadas no decurso do ritual, para a periferia das comunidades humanas. Mas também o mal pode ser deliberada ou aleatoriamente transferido para um vizinho (conterrâneo), para um pobre ou para um animal. As várias estratégias (esconjuro, expulsão, dispersão ou aniquilação da entidade maléfica) visam repor nos seus lugares as entidades que usurparam o território humano, o corpo do doente. Em certos esconjuros contra o mal que invade e consome o corpo de um doente pobre, alega-se a pobreza desse corpo enquanto pasto da doença: sendo pobre, o doente nada tem para dar.<sup>51</sup>

**Palavras-chave:**

Tradição; Fome; Pobreza; Eco-economia; Medicina popular.

50 Almeida, Guimarães e Magalhães, *Artes de Cura e Espanta-Males*, 170.

51 Os autores não escrevem de acordo com o novo acordo ortográfico.